

1950-1980: Quatro décadas de estudos literários formais em Belo Horizonte

Letícia Malard
Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: Histórico, reflexões e comentários sobre teses e dissertações de Literatura Brasileira defendidas para obtenção de cargos, títulos ou graus na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE-UFGM) durante quatro décadas, apresentando-se, dessa forma, um panorama dos trabalhos acadêmicos universitários na capital mineira (1958-1989), bem como suas condições de produção.

Palavras-chave: Teses, Dissertações, Literatura brasileira.

Em 2013, a Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE-UFGM) comemorou os 40 anos de seu curso de pós-graduação, bem como a defesa da tese/dissertação número dois mil em toda a sua história. Este ensaio foi escrito a partir de uma apresentação que realizei em uma mesa-redonda para celebrar esses acontecimentos, na condição de um dos professores-fundadores do curso e orientadora de sua primeira dissertação defendida. Ao recuperar o passado dos estudos acadêmicos formais de Literatura Brasileira no curso de Letras da UFGM, através da evocação de teses e dissertações defendidas na área em suas primeiras décadas de vida, estou contribuindo com uma futura elaboração da história dos estudos literários em Minas Gerais.

Os trabalhos acadêmicos na Faculdade de Letras visando à defesa começaram mais de uma década antes de 1973 – início do curso de pós-graduação. Recolher fatos de sua história desde os primórdios até os anos 1980, também por quatro décadas, fazendo um recorte apenas da área de Literatura Brasileira devido a uma questão de espaço, constitui-se no assunto nuclear deste texto. É possível que tenham ocorrido eventuais equívocos e omissões em relação aos elementos que pesquisei e agora apresento, pois muitos destes são provenientes de meu arquivo pessoal e minha memória.

As teses do passado

A área de Letras é um dos setores mais antigos da UFMG no que se refere a estudos ou pesquisas que resultam em um trabalho apresentado para defesa pública. No passado, antes da instalação dos cursos de pós-graduação, esse trabalho consistia em uma tese, defendida com todas as honras e enorme plateia a que tinha direito. Grandes expectativas e torcidas explícitas para esse ou aquele candidato, quando havia cargo em disputa. E intrigas também. Em certo concurso, a comunidade acadêmica chegou a inventar uma bolsa de apostas funcionando na cantina da faculdade. As teses de antigamente – que eram previstas no sistema de ensino superior brasileiro e existiam em outras universidades também – se constituíam de três categorias: de cátedra, de livre-docência e de doutorado sem curso.

Cátedra

A tese integrava as provas do concurso para professor catedrático, acontecimento raro. O concurso podia ser prestado por qualquer estudioso que se julgasse em condições de se candidatar. Regra geral, havia apenas um catedrático por matéria. Os candidatos costumavam ser docentes da própria faculdade ou, mais raramente, de outras escolas superiores, em uma época em que não havia estruturação da carreira do magistério. Na instalação da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em 1939, as matérias eram regidas por catedráticos, nomeados pelo Governo Federal, todavia sem nenhum concurso nem exame, entre pessoas que se destacavam pelo notório saber na respectiva área, aliado a contatos políticos.

O primeiro catedrático e único de Literatura Brasileira designado nesses termos foi o poeta e banqueiro José Oswaldo de Araújo. Quando um daqueles catedráticos iniciais deixava o cargo – por desistência, doença ou falecimento –, sua vaga passava a ser preenchida mediante concurso público de títulos e provas. Também havia a figura do catedrático interino – uma espécie do professor substituto atual, mas sem exame seletivo –, que assumia a cátedra até a realização do concurso e a posse do ganhador.

Aprovado em primeiro lugar no concurso, o professor era nomeado e escolhia seus assistentes por critérios pessoais, contratava-os sem exames de seleção em um primeiro momento, substituía-os ou os demitia quando bem quisesse. O catedrático proveniente de outro estado não raro se transferia para cá com um ou mais assistentes. Dividia as aulas com eles e orientava sozinho a política de ensino de sua cátedra. Assim, tivemos na Letras seis teses dessa categoria, sendo duas delas de Literatura Brasileira, no primeiro concurso da matéria (1958): de Wilton Cardoso, intitulada *Tempo e memória em Machado de Assis*, e de Maria Luiza Ramos, *Psicologia e estética em Raul Pompeia*. Sob o signo da polêmica, Wilton ganhou o concurso. Mais tarde, Maria Luiza assumiu a cadeira recém-criada de Teoria da Literatura e, mais tarde ainda, já no sistema até há pouco vigente, prestou concurso para professor titular dessa matéria e foi brilhantemente aprovada.

Os autores de quatro teses, dentre essas seis, constituíram-se no núcleo primário de nosso curso de pós-graduação. Tiveram disciplinas e orientações a seu encargo e prestaram inestimáveis serviços ao curso. Cardoso e Ramos foram seus coordenadores.

Livre-docência

A tese de livre-docência – também prevista no sistema de ensino superior – não implicava disputa por um cargo, como era a do catedrático. Qualquer pesquisador ou especialista – sendo ou não professor da universidade – poderia requerer o exame ao órgão competente. Esse exame, tal como o concurso de catedrático, exigia provas escrita, didática e de títulos, coroadas pela defesa de tese. Se aprovada, a pessoa recebia o título de livre-docente, que não lhe concedia necessariamente o direito de ingressar na instituição. Isso dependia da vontade do catedrático. Também, os candidatos aprovados não em primeiro lugar no concurso para catedrático recebiam o título de livre-docente, que era

superior ao de doutor. No campo da Literatura, tivemos dez teses de livre-docência: a primeira, em 1960; a última, em 1969, mas nenhuma de Literatura Brasileira.

Desses dez livre-docentes, três foram professores e/ou orientadores do mestrado, sendo apenas um no de Literatura Brasileira: Maria José de Queiroz. O pequeno número de engajados no curso facilmente se explica: a livre-docência de sete professores não era nas áreas do mestrado. Portanto, não se interessaram em trabalhar nele. Com o tempo, um ou outro aderiu.

Doutoramento sem curso

O doutoramento sem curso era a única forma de se obter o título de doutor, na Europa e aqui. Qualquer graduado na área ou em área correlata poderia candidatar-se. Na faculdade, os passos do candidato para obter o título eram os seguintes:

- procurar um orientador e ser aceito por ele. Geralmente, o catedrático era o orientador nato;
- comunicar-lhe o assunto escolhido para a tese e efetuar estudos que o orientador sugerisse ou estabelecesse. Estes podiam variar desde um programa individual até a frequência a disciplinas, da própria faculdade ou de outras escolas, inclusive fora do país. Os candidatos ao doutoramento sem curso tinham o privilégio de poder frequentar, como ouvintes, qualquer disciplina, mediante uma solicitação do orientador, que nunca era negada;
- cumprir dois pré-requisitos formais antes da defesa da tese: a) ser aprovado no exame de língua estrangeira, que era a tradução de um texto para o português; b) ser aprovado em uma prova escrita de matéria afim, escolhida pelo orientador, aplicada e corrigida pelo sênior da matéria afim e com programa elaborado por este. Para Literatura Brasileira era História do Brasil, completa: da carta de Pero Vaz de Caminha à atualidade.

Poucas pessoas se aventuravam a esse doutoramento. Ele não passava de um título acadêmico, inferior ao de livre-docente e também sem direito algum, nem mesmo promoção na carreira ou melhoria de salário, como é hoje, caso o doutor fosse, na época, professor da universidade. Em compensação, funcionava como uma espécie de porta de entrada para a obtenção

da titularidade de livre-docente e até mesmo para o concurso de cátedra, mas essas três categorias eram modalidades estanques.

O doutoramento sem curso foi extinto com a implantação dos cursos de pós-graduação no país, através do famigerado Parecer n. 977/1965, de Newton Sucupira, membro do Conselho Federal de Educação. Os cursos, previstos na legislação para o ensino superior imposta pelo golpe militar de 1964 – a mesma que acabou com a cátedra, substituindo a figura do catedrático vitalício pela do professor titular –, seguiam o modelo norte-americano.

A lei dava, então, um prazo para as pessoas já inscritas no doutoramento de modelo europeu apresentarem e defenderem sua tese. Nesse sistema, a inscrição acontecia em qualquer tempo após a conclusão da graduação e não havia prazo definido para a defesa. Pela nova legislação, o candidato que não a defendesse até certa data perderia o direito ao título e, para se pós-graduar, teria de recomeçar pelo mestrado, pois não havia entrada direta no curso de doutorado sem se passar pelo mestrado. Quando e por que universidades europeias adotaram o sistema de doutorado por curso não saberia dizer.

Houve aqui seis doutores nessa modalidade, de 1967 a 1973, sendo quatro em Literatura Brasileira. Integraram o corpo docente e/ou de orientadores do mestrado, porém dois saíram da UFMG antes da instalação do curso de pós-graduação em Letras. As teses de Literatura Brasileira foram as de Fernando Correia Dias (1968), sobre o movimento modernista em Minas Gerais; Affonso Romano de Sant'Anna (1969), sobre Carlos Drummond de Andrade; Letícia Malard (1972), sobre Graciliano Ramos; e Melânia Silva de Aguiar (1973), sobre Cláudio Manuel da Costa.

Ao se observarem todas as 22 teses defendidas nas diversas áreas literárias, ao longo dos 19 anos que antecederam a instalação do curso de pós-graduação, verifica-se que: todas tratam de um escritor especificamente, exceto duas; o maior número é sobre literatura brasileira – seis –, sendo três de temática mineira e três de modernismo; as demais literaturas compõem na seguinte ordem numérica: literatura portuguesa – quatro; literatura latina – três; literatura francesa – duas; literatura hispano-americana – duas, pela mesma pessoa; literatura italiana – duas; literatura grega – uma; literatura inglesa – uma; literatura norte-americana – uma. Estão ausentes as literaturas alemã e espanhola, apesar de constarem do currículo.

O doutoramento sem curso não se confunde com o doutoramento por defesa direta de tese, que sempre existiu e continua existindo. O Art. 64 do

Regimento da UFMG em vigor legisla: “Em caráter excepcional, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão [CEPE] poderá admitir a candidatura à obtenção de grau de Doutor por defesa direta de tese a *pessoa de alta qualificação científica, cultural ou profissional, revelada pelo respectivo ‘curriculum vitae’*”.¹

O doutoramento sem curso correspondia à continuidade natural de estudos dos graduados, que tinham de cumprir os mencionados pré-requisitos. Já o doutoramento por defesa direta de tese era o que o nome dizia, e privilégio para poucos. Sempre dependeu da aprovação de um órgão superior, que tinha em vista as excelências curriculares do candidato. Nossa literatura não teve até agora nenhum caso de defesa direta de tese.

A propósito, convém lembrar que a categoria de doutor *honoris causa* – espécie de doutorado sem tese, não grau mas título honorífico concedido a figuras notáveis – foi acionada em nossa área uma única vez: em 1972, para homenagear a Carlos Drummond de Andrade. Ele recusou a honraria, escrevendo uma bela carta ao Conselho Universitário, órgão que a concedeu.

O mestrado

O curso de mestrado iniciou-se em agosto de 1973, com duas áreas de concentração: Literatura Brasileira e Inglês, esta última abrangendo língua e literaturas de língua inglesa. Lecionei para a primeira turma do curso a disciplina obrigatória “A ficção brasileira: Modernismo I”, turma composta por seis colegas-alunos – número correspondente ao das vagas iniciais –, os quais cito em homenagem: Antônio Sérgio Bueno, Lauro Belchior Mendes, Luiz Cláudio Vieira de Oliveira, Maria Consuelo Albergaria Vieira do Prado, Maria Magdalena Nogueira Resende e Ruth Silviano Brandão Lopes.

Dos 20 docentes autores das teses antigas, nove compuseram o corpo docente inicial do mestrado, e cinco orientaram metade das dissertações defendidas na década de 1970, cujo total é 11. Dessas dissertações, sete são de Literatura Brasileira, e quatro, de Literaturas de Língua Inglesa: duas dos Estados Unidos, uma da Irlanda e uma da Inglaterra. Menciono os países apenas para caracterizar o local de nascimento dos escritores-objeto da dissertação. Todas as dissertações, exceto uma, focalizam o estudo de uma obra de um escritor.

1. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Regimento Geral da UFMG. Grifos nossos.

Admissão ao curso: ontem e hoje

Mas quem eram os alunos do curso de mestrado nos anos 1970, com extensões para a década de 1980? Em sua quase totalidade, os próprios professores da universidade. Muitos deles não alcançaram o sistema antigo de doutoramento, mas queriam e/ou precisavam obter o título, inclusive para ascender na carreira docente. Quase todos haviam se graduado vários anos antes, um número significativo já tinha prestado exame de ingresso na docência da universidade e, portanto, apresentavam-se ao curso de pós-graduação com uma bagagem respeitável de conhecimento. Eram estudiosos que davam aulas de manhã e/ou à noite – na UFMG ou fora dela, inclusive nos ensinamentos fundamental e médio – e assistiam aulas à tarde. A dedicação exclusiva era *avis rara*, os afastamentos e as bolsas se contavam nos dedos.

Isso pode explicar o fato de muitas pessoas pensarem que antigamente o curso era mais apertado, e as dissertações se pareciam com verdadeiras teses. Convém lembrar que os prazos do Curso de Mestrado não eram tão curtos nem rigorosos como atualmente. Privilegiava-se a qualidade do trabalho, o respeito ao ritmo de cada pesquisador, e não o tempo de duração total do curso para engordar estatísticas de agências de fomento e obter recursos financeiros. O prazo era de quatro anos, sujeitos a certa flexibilidade.

Apesar das características de nossos primeiros mestrados, o exame de seleção ao curso era difícil. Para Literatura Brasileira, nas primeiras décadas havia uma prova escrita e uma prova oral sobre os mesmos programas. Um deles chegou a ter cerca de 30 livros para leitura obrigatória, abrangendo poetas e prosadores dos séculos XIX e XX, bem como histórias da literatura e obras de crítica e de teoria literárias. Certa vez, uma prova escrita foi elaborada com 14 questões que exigiam respostas enormes!

A queda na cobrança de leituras se revelou vertiginosa e gradativa através do tempo. No exame de seleção para 2013, exemplificando, o programa constou de apenas cinco obras para ler, ou seja, o mesmo número que já foi exigido para todos os candidatos, durante muitos anos, no vestibular para a graduação em todos os cursos da UFMG. O argumento de que o nível de cobrança é diferente não altera muito o quadro, creio.

A partir de 1988 se fez uma experiência na seleção: o programa não se constituía de uma lista de livros, mas de temas a serem focalizados em tais livros. O intuito era tornar mais objetivo e justo o trabalho das bancas

examinadoras. Naquele ano, do programa constavam dez temas correspondentes a dez livros, mais quatro de bibliografia teórica. Em 1991, o programa baixou para sete temas em sete livros, sendo um deles assim formulado: “Loucura e escrita em *Angústia*, de Graciliano Ramos”. Em 1993, os dez temas voltaram, mas sem a bibliografia, a qual retorna em 1994. Em 1995, temas e livros caíram pela metade.

Havia a preocupação de, na medida do possível, formularem-se questões que dificilmente seriam encontradas já respondidas em material publicado, lembrando que à época não se contava com a internet. Entretanto, esse procedimento acabou sendo extinto, pois nele foram detectados problemas.

Até hoje, muita água rolou debaixo da ponte. Os estudantes que pretendem maior profissionalização têm o mestrado quase como uma continuação natural da graduação e costumam entrar para ele não só muito jovens, mas também com pequena bagagem de leituras. Dessa forma, tanto os mecanismos de ingresso no curso quanto as dissertações vieram se tornando menos complexos, muitas vezes para se adaptarem aos prazos burocráticos.

Não seria inoportuno repetir que, em 2013, o programa de admissão ao curso de mestrado em Literatura Brasileira estabeleceu apenas cinco livros para leitura. Pelo andar da carruagem, em um futuro próximo vai ser possível que se ingresse nesse curso sem se ter lido livro algum. O vestibular da UFMG acabou, sendo substituído pelo ENEM, que não cobra leitura de livros. O currículo de nosso curso de Letras é de tal flexibilidade que pode acontecer a graduação de estudantes sem terem lido uma única obra literária. Aliás, até a década de 1950, no curso de Letras era assim: liam-se pequenos trechos, antologias, capítulos de histórias da literatura. Leitura de obra inteira, marcada pelo professor, era raríssimo. Os estudantes liam somente por conta própria.

Tenho uma pergunta que não quer calar: a política ou estratégia atual do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários julga que, para se ingressar no mestrado, não há necessidade de se comprovarem conhecimentos na área? Outras habilidades que não a leitura literária é que estão definindo o ingresso?

As dissertações defendidas na década de 1970

Cito as dissertações de Literatura Brasileira defendidas na década de 1970, em ordem cronológica, por autoria, escritor-objeto/assunto, ano da defesa e orientação:

1. Lauro Belchior Mendes – Oswald de Andrade – 1978 – Letícia Malard
2. Ruth Silviano Brandão Lopes – Adonias Filho – 1978 – Eneida Maria de Souza
3. Ana Maria de Almeida – Joaquim Manuel de Macedo – 1979 – Maria José de Queiroz
4. Antônio Sérgio Bueno – Modernismo em Belo Horizonte: década de 1920 – 1979 – Fernando Correia Dias
5. Maria das Graças Rodrigues Paulino – Graciliano Ramos – 1979 – Maria Luiza Ramos
6. Wander Melo Miranda – Cornélio Pena – 1979 – Letícia Malard
7. Luiz Cláudio Vieira de Oliveira – Guimarães Rosa – 1979 – Ruth Silviano Brandão Lopes

As dissertações defendidas na década de 1980

Julgo importante evocar as dissertações defendidas na década de 1980 pelo fato de grande parte de seus autores ter iniciado o curso na década anterior. Estas são as de Literatura Brasileira, listadas em ordem alfabética pelo último sobrenome:

1. Lea Selma Amaral – João Cabral de Melo Neto – Melânia Silva de Aguiar
2. Gislene Motta de Andrade – Antônio Torres – Letícia Malard
3. José Américo de Miranda Barros – Lúcio Cardoso – Eliana Scotti Muzzi
4. Maria Helena Rabelo Campos – discurso publicitário – Maria Luiza Ramos
5. Haydée Ribeiro Coelho – Lima Barreto – Maria José de Queiroz
6. Maria Auxiliadora Gomes Pinto Coelho – leitura e texto – Vera Lúcia de Carvalho Casa Nova
7. Leopoldo Comitti – J. J. Veiga – Vera Lúcia Andrade
8. Maria Zilda Ferreira Cury – Lima Barreto – Maria Luiza Ramos
9. Lélia Maria Parreira Duarte – Carlos Heitor Cony – Naief Sáfydy
10. Maria do Carmo Lanna Figueiredo – Adonias Filho – Ruth Silviano Brandão Lopes
11. Maria Nazareth Soares Fonseca – Érico Veríssimo – Letícia Malard

12. Audemaro Taranto Goulart – Murilo Rubião – Letícia Malard
13. Valmiki Vilela Guimarães – Manuel Bandeira – Maria Luiza Ramos
14. Raquel Soares Lima – Antônio Callado – Lauro Belchior Mendes
15. Luiz Carlos Junqueira Maciel – Dantas Motta – Ana Maria de Almeida
16. Reinaldo Martiniano Marques – Autran Dourado – Ruth Silviano Brandão Lopes
17. Nancy Maria Mendes – João Cabral de Melo Neto – Letícia Malard
18. Cleonice Paes Barreto Mourão – Clarice Lispector – Maria Luiza Ramos
19. Edson Santos de Oliveira – Guimarães Rosa – Letícia Malard
20. Edgard Pereira dos Reis – Ivan Ângelo – Lauro Belchior Mendes
21. Francisco Aurélio Ribeiro – Clarice Lispector – Maria Antonieta Antunes Cunha
22. Elizabeth F. Rennó de Castro Santos – Lêdo Ivo – Melânia Silva de Aguiar
23. Ângela Maria de Freitas Senra – Autran Dourado – Letícia Malard
24. Ilza Matias de Souza – Sebastião Nunes – Johnny José Mafra
25. Eduardo José Tollendal – Metapoemas marginais – Vera Lúcia de Carvalho Casa Nova
26. Ivete Lara Camargos Walty – Manuel Antônio de Almeida – Maria José de Queiroz

Outros dados: dissertações não focadas em uma única obra – três; dissertações sobre poetas – seis; dissertações sobre prosadores – 17; dissertações sobre escritores mineiros – oito, ou seja, um terço; dissertações sobre escritores repetidos: Autran Dourado, Lima Barreto, Clarice Lispector e João Cabral de Melo Neto.

Resumindo até aqui

Pelo exposto, podemos afirmar que, ao se criar o curso de mestrado em Literatura Brasileira, a Faculdade de Letras já apresentava um corpo docente e de orientadores próprio e apropriado para a tarefa. Vários de seus membros tinham defendido tese que serviu de motivação para muitas dissertações das

décadas de 1970 e 1980, bem como para teses após a implantação do curso de doutorado. Deixo por conta do leitor fazer as necessárias ilações.

Assim, das 11 dissertações defendidas na década de 1970, seis foram orientadas por esses docentes; das defendidas na década de 1980, 16 receberam orientação deles. Alguns orientadores não pertenciam às mencionadas áreas ou ainda não eram doutores, mas foram credenciados pelos órgãos competentes para colaborar no curso, quando era grande a lacuna de professores com título de doutor.

Na década de 1970, ministraram disciplinas no curso de Literatura Brasileira 17 docentes, sendo 12 doutores e cinco mestres. Desse total, três doutores eram de outras escolas da UFMG, e quatro, de outras universidades. Registre-se que, ao contrário de diversos cursos no país, o da UFMG não teve necessidade de importar professores para funcionar nos termos exigidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES). Tivemos, sim, alguns de outras instituições, mas no intuito de se promoverem intercâmbios e, na medida do possível, evitar a famigerada endogenia.

E mais: a forte tendência para a pesquisa de uma única obra, já manifestada nas três modalidades de tese apontadas, continuou nas décadas seguintes e parece que ainda se mantém, não saberia dizer se com a mesma força ou se com atenuações. Também não tive tempo de pesquisar se o predomínio numérico da Literatura Brasileira nos trabalhos de conclusão de curso se verifica ou não até os dias atuais. Por outro lado, o que se constata é a inexplicável e equivocada diminuição gradativa do número de docentes de Literatura Brasileira na faculdade. Hoje se tem cerca de meia dúzia – indicativo de que a Faculdade de Letras vem perdendo o interesse pelo estudo da literatura nacional pura e simples.

Anos 1970: temática das dissertações

Relembrando o que foi dito, os assuntos das sete dissertações da década de 1970 são Adonias Filho, Cornélio Pena, Graciliano Ramos, João Guimarães Rosa, Joaquim Manuel de Macedo, modernismo em Belo Horizonte e Oswald de Andrade. Estranha coincidência: dois desses assuntos comparecem iguais nas defesas de 2013: *A menina morta*, de Cornélio Pena, e o modernismo em Belo Horizonte, com um recorte. Outras coincidências nas dissertações da década de 1980 e nas de 2013: Lima Barreto comparece duas vezes; Lúcio Cardoso e Manuel Bandeira, uma vez.

E fatos coincidentes se sucedem: se comparamos os assuntos das dissertações de Literatura Brasileira defendidas na UFMG com os das 40 dissertações defendidas na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), somente na década de 1970, vê-se que, também lá, existe uma forte tendência para estudar autores regionais. Encontram-se, ainda, duas dissertações sobre Graciliano Ramos, uma sobre Guimarães Rosa e uma sobre Adonias Filho. Interessante como, em um universo de centenas de escritores, alguns se repetem lá e aqui – fato que daria uma pesquisa importante: motivos da escolha de determinados produtores literários para objeto de trabalhos acadêmicos. Fica a sugestão.

Mas... quais são os temas tratados nessas dissertações de nosso curso, nos anos 1970? Em geral, temas que dialogam com questões político-sociais, porém de modo muito discreto e sem se correrem riscos, uma vez que a ditadura controlava tudo, inclusive os programas e as respectivas bibliografias dos cursos. Parênteses: tive uma orientanda que foi obrigada a trocar o livro que seria objeto de sua dissertação porque, de repente, ele foi recolhido das livrarias pela censura.

Fechando os parênteses: o regime autoritário e a repressão incomodavam o mundo acadêmico, mas os trabalhos de pós-graduação eram cuidadosos em não apresentar viés explicitamente contestador ou provocador daqueles anos de chumbo. Ainda mais porque anos de estudo e dezenas de páginas redigidas poderiam ir mofar, sem direito de defesa, nos porões da ditadura.

Mesmo assim, os problemas políticos do país jaziam no inconsciente dos mestrandos e acabavam por aflorar aqui e ali em seus escritos. Afinal, nossa escola durante muitos anos funcionou no mesmo prédio em que a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH), considerada pelos militares o maior reduto de comunistas em Minas. Lá a repressão mantinha uma pequena tropa de olhos vivos.

Folheando as dissertações e lendo sua sinopse, encontram-se pontos que dialogam com o contexto político-social de então, como foi dito. Por falta de espaço aqui, sorteei quatro das seis sinopses lidas, a fim de que se tenha uma ideia de como o mencionado diálogo se construía. Reproduzo-as com minhas palavras, grifando seus elementos mais significativos para o caso:

1. PAULINO, Maria das Graças Rodrigues. *Reflexões sobre os limites de poder do narrador em São Bernardo*.

Sinopse: “Reflexões a respeito do poder da enunciação ficcional e suas limitações, a partir das relações entre as vozes do texto, com o objetivo de verificar no romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, as possibilidades do narrador de colocar em questão *o modelo autoritário de enunciação a serviço do capitalismo*”.

2. MIRANDA, Wander Melo. *A menina morta: a insuportável comédia*.

Sinopse: “Análise de *A menina morta*, de Cornélio Pena, focalizando o tema da *morte e sua articulação com o sacrifício ritual, o bistrionismo e a loucura*, bem como caracterizando o espaço e o tempo no romance, relacionando-os ao tema proposto”.

3. BUENO, Antônio Sérgio. *Modernismo em Belo Horizonte: década de vinte*.

Sinopse: “Levantamento dos *projetos ideológicos* e análise das *retóricas* dos periódicos modernistas belo-horizontinos *A Revista e Leite Criôlo*. Demonstração de linhas de continuidade e pontos de descontinuidade entre essas revistas, bem como da posição especial que o Modernismo mineiro ocupa no panorama do Modernismo brasileiro da época”.

4. ALMEIDA, Ana Maria de. *Contradição e conciliação na obra de Joaquim Manuel de Macedo*.

Sinopse: “Análise das contradições que, na obra de Joaquim Manuel de Macedo, permitem avaliar a tendência conciliadora entre os pensamentos liberal conservador, como uma constante do Romantismo no Brasil. Essa tendência caracteriza o modelo estamental que, *ao subordinar-se aos interesses da classe dominante, faz com que a força de constrição conservadora aja significativamente tanto sobre a atividade pública quanto sobre as manifestações artísticas durante o Segundo Reinado. Desenhando-se como pacto de interesses, é o pensamento conciliador que vai explicar, também, o caráter de representação teatral de todas as atividades na Política e na Cultura do período recriado por Joaquim Manuel de Macedo*”.

Assim lemos a questão nuclearizadora dessas dissertações:

- a violência encenada no ruralismo baiano (Ruth Silviano Brandão Lopes);
- a antropofagia erótica e política representada pelo modernismo paulista (Lauro Belchior Mendes);
- o liberalismo *versus* o conservadorismo teatralizados no romance macediano (Ana Maria de Almeida);
- o sentido e a máscara no regionalismo mineiro (Luiz Cláudio Vieira de Oliveira);
- a representação do autoritarismo de enunciação servindo ao capital (Maria das Graças Rodrigues Paulino);

- a ideologia e a retórica no palco do modernismo belo-horizontino (Antônio Sérgio Bueno);
- a morte articulada com o rito, o histrionismo e a loucura (Wander Melo Miranda).

Mencionei a questão do inconsciente nos trabalhos acadêmicos da época. Então, pode-se ler, nas linhas e entrelinhas dessas sete dissertações, a metáfora do político-social vivido pelo país como teatro – representação, máscara, encenação, palco, histrionismo, etc. –, como a remeter à situação desastrosa e devastadora do Brasil naquela década, ou seja: um teatro de horror, uma “insuportável comédia” – subtítulo da dissertação de Wander Melo Miranda –, a tortura tecida no corpo vivo, as polarizações entre progressistas e conservadores, o caráter antropofágico da ditadura, passadismo versus modernidade, o jaguncismo opressor, a censura. Enfim: um teatro do absurdo.

Pretendi fazer de tudo um pouco neste texto de lembranças – boas e más: micro-história, reflexões político-pedagógicas, relatos e interpretações dos primórdios da Literatura Brasileira do nosso mestrado em Letras – conceito A há muito tempo. Um adulto de 40 anos bem vividos, que pode repetir em prosopopeia a fala de Riobaldo, que cito livremente: com muito trabalho e empenhada ordem, vou caminhando para a velhice.

1950-1980: Four decades of formal literary studies in Belo Horizonte

Abstract: History, reflexions and comments on dissertations and theses about Brazilian Literature defendend for the attainment of academic positions, titles or degrees at the Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE-UFMG) in the period of four decades, thus providing a full outlook of the university level academic work in the capital of the State of Minas Gerais (1958-1989), as well as of the conditions under which they were produced.

Keywords: Theses, Dissertations, Brazilian literature.

Referências

- AGUIAR, Melânia Silva de. *O jogo de oposições na poesia de Cláudio Manuel da Costa*. 1973. 134 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1973.
- ALMEIDA, Ana Maria de. *Contradição e conciliação na obra de Joaquim Manuel de Macedo*. 1979. 186 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1979.
- AMARAL, Léa Selma. *Poética de resistência em “Fábula de Anfião”*. 1988. 156 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1988.
- ANDRADE, Gislene Motta de. *O mítico e o trágico em Essa terra*. 1982. 109 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1982.
- BARROS, José Américo de Miranda. *A constituição do narrador na ficção de Lúcio Cardoso*. 1987. 218 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.
- BUENO, Antônio Sérgio. *Modernismo em Belo Horizonte: década de vinte*. 1979. 205 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1979.
- CAMPOS, Maria Helena Rabelo. *O canto da sereia: uma análise do discurso publicitário*. 1981. 113 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1981.
- CARDOSO, Wilton. *Tempo e memória em Machado de Assis*. Belo Horizonte: Estabelecimentos Gráficos Santa Maria, 1958.
- COELHO, Haydée Ribeiro. *Retórica da ficção e do nacionalismo em Triste fim de Policarpo Quaresma: a construção narrativa de Lima Barreto*. 1981. 100 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1981.
- COELHO, Maria Auxiliadora Gomes Pinto. *O leitor não-leitor: o texto como espaço de ruptura*. 1985. 206 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1985.
- COMITTI, Leopoldo. *Teatro de sombras: leitura de um romance de José J. Veiga*. 1989. 233 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1989.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. *Visão de mundo em Lima Barreto*. 1980. 217 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1980.
- DIAS, Fernando Correia. *O movimento modernista em Minas: uma interpretação sociológica*. 1968. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1968.
- DUARTE, Lélia Maria Parreira. *Pessach: a travessia – narrativa especular*. 1980. 116 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1980.
- DUARTE, Lélia Maria Parreira (Org.). *Teses: Catálogos 1954/1994; Resumos 1992*. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 1994. 170 p.

- FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna. *Léguas da promessa: o encantatório a serviço da narrativa*. 1980. 248 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1980.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Relação História/Estória em Incidente em Antares*. 1980. 141 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1980.
- GOULART, Audemaro Taranto. *As mágicas de um mago: o conto de Murilo Rubião*. 1985. 234 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1985.
- GUIMARÃES, Valmiki Villela. *Evoé e Momo: a poética do carnaval na lírica de Manuel Bandeira*. 1982. 73 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1982.
- LIMA, Rachel Santos. *Sempreviva: ruínas sobre ruínas*. 1987. 201 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.
- LOPES, Ruth Silviano Brandão. *Corpo vivo: tessitura da violência*. 1978. 143 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1978.
- MACIEL, Luiz Carlos Junqueira. *Tempo e escritura nas Elegias do país das Geraes de Dantas Motta*. 1982. 240 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1982.
- MALARD, Letícia. O percurso da Literatura Brasileira ou Literatura Brasileira: percurso e identidades. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, Belo Horizonte, v. 6, p. 69-74, 1998-1999.
- MALARD, Letícia. *Vidas secas: introdução a Graciliano Ramos*. 1972. 244 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1972.
- MARQUES, Reinaldo Martiniano. *Os sinos da agonia: técnica narrativa e consciência trágica na ficção de Autran Dourado*. 1984. 224 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1984.
- MENDES, Lauro Belchior. *O discurso antropofágico de Serafim Ponte Grande*. 1978. 124 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1978.
- MENDES, Nancy Maria. *Ironia, sátira, paródia e humor na poesia de João Cabral de Melo Neto*. 1980. 120 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1980.
- MIRANDA, Wander Melo. *A menina morta: a insuportável comédia*. 1979. 143 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Horizonte, 1979.
- MOURÃO, Cleonice Paes Barreto. *A fascinação do caleidoscópio: uma leitura de Água viva de Clarice Lispector*. 1981. 71 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1981.
- OLIVEIRA, Edson Santos de. *O discurso lúdico de Guimarães Rosa*. 1982. 114 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1982.
- OLIVEIRA, Luiz Cláudio Vieira de. *O sentido e a máscara em Grande sertão: veredas*. 1979. 199 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1979.

- PAULINO, Maria das Graças Rodrigues. *Reflexões sobre os limites de poder do narrador em São Bernardo*. 1979. 69 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1979.
- PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. Faculdade de Letras. Curso de Pós-Graduação em Letras. *Catálogo de teses e dissertações: 1973-1999*. Porto Alegre: Gráfica Epecê, [s.d.]. 154 p.
- RAMOS, Maria Luiza. *Psicologia e estética de Raul Pompeia*. 1957. Tese (Concurso para a cátedra de Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1957.
- REIS, Edgard Pereira dos. *Alegoria e política no romance A festa, de Ivan Ângelo*. 1987. 150 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.
- RIBEIRO, Francisco Aurélio. *A literatura infanto-juvenil de Clarice Lispector e a questão do gênero*. 1986. 186 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1986.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958. 571 p.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Drummond: o gauchês no tempo*. 1969. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1969.
- SANTOS, Cássio Miranda dos. Os primeiros passos da pós-graduação no Brasil: a questão da dependência. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 37. p. 479-492, out.-dez. 2002. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/ensaio/v10n37/v10n37a05.pdf>>. Acesso: 15 maio 2013.
- SANTOS, Elizabeth F. Rennó de Castro. *A aventura surrealista de Lêdo Ivo: invenção e descoberta*. 1985. 197 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1985.
- SENA, Ângela Maria de Freitas. *Paixão e fê: Os sinos da agonia*. 1981. 77 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1981.
- SOUZA, Ilza Matias de. *Figuras e cenas brasileiras: leituras semióticas de Papéis higiênicos (estudos sobre guerrilha cultural e poética de provocação) de Sebastião Nunes*. 1987. 183 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.
- TOLLENDAL, Eduardo José. *Contra cultura e marginalia: uma re-leitura de metapoemas marginais*. 1986. 254 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1986.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Regimento Geral da UFMG. Disponível em: <www.ufmg.br/conheca/informes/ia_reg_atual.html>. Acesso em: 16 maio 2014.
- WALTY, Ivete Lara Camargos. *Implicações sociais do elemento picaresco nas Memórias de um sargento de milícias*. 1980. 111 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1980.

